

Caminhos de uma teologia feita com as mãos:

Veredas de uma tese artesanal e peregrina

Ways of a theology made with hands:

Footpaths of anartisanal and pilgrim thesis

Claudio Santana Pimentel*

Recebido: 08/03/21

Aprovado: 15/03/21

Dar voz àqueles que, mesmo podendo ouvir, encontraram uma forma de se expressar com as mãos tão importante quanto a palavra e a oralidade que foi usada para contar suas histórias e seu envolvimento com a arte santeira.[...]

Projetos, esperança e cansaço e desapontamento estão presentes nas falas dessas mulheres e homens que são a fonte da informação dessa pesquisa.

(Marco Antonio Fontes de Sá)

Introdução

Em geral, teólogos, cientistas da religião e cientistas sociais a princípio não parecem ter dificuldade em reconhecer o papel que a arte santeira cumpriu e cumpre para a formação, divulgação, manutenção e expansão da crença e do imaginário religioso cristão, especialmente católico, na América Latina e em particular no Brasil, desde o período colonial até o presente.

No entanto, trazer para o primeiro plano o que pensam e sentem, quais as motivações desses artistas populares, continua a ser um desafio poucas vezes enfrentado.

Neste sentido, a recém apresentada tese de Doutorado¹ de Marco Antonio Fontes

* Claudio Santana Pimentel é doutor em Ciência da Religião. Realiza estágio de Pós-Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. pimentelclaudio@live.com<https://orcid.org/0000-0003-3343-0560>

¹ Compuseram a Banca Examinadora, realizada em 02 de Fevereiro de 2021, os seguintes Professores Doutores: Ênio José da Costa Brito (Orientador); José Amálio de Branco Pinheiro; Fernando Altemeyer Júnior; Carlos Alberto Tolovi; Claudio Santana Pimentel. A tese foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da PUC-SP.

de Sá, intitulada *Arte santeira: barro e madeira no imaginário, na devoção e no trabalho do povo*, não somente preenche uma lacuna das pesquisas de temática religiosa, mas oferece perspectivas inovadoras, cujas linhas gerais pretendo apresentar nas próximas páginas.

Dos muitos méritos da tese, aponto alguns. Explicitar a importância da arte santeira para a manutenção/divulgação de saberes e fazeres religiosos, o que considero como ofício que integra as bases de uma teologia popular; procurar trazer para primeiro plano a motivação dos artesãos, a partir da categoria de inspiração – inspiração não somente espiritual, mas ligada a situações concretas da vida; elaborar uma ampla “peregrinação” apresentando uma amostragem significativa que pode ser considerada como parte de uma geografia da produção santeira; elaborar uma seleção de imagens e cenas religiosas relevantes para a compreensão do ofício desses artesãos e para o imaginário em discussão.

Estrutura da Tese

O Capítulo I, “Uma breve, longa história da contemplação de imagens desenhadas e esculpidas”, apresenta uma boa contextualização da história da arte santeira no Brasil. Um aspecto importante ressaltado é o de como a matéria-prima permitiu aos artesãos expressarem aspectos locais/regionais numa arte que deveria representar a universalidade. Explicita também as contribuições africana e indígena nesse processo de ubiquação (SÁ, 2020, p. 29 e ss.; 38-40; 40-44; 46-49) e como as condições de feitura artística se relacionavam com a dinâmica socioeconômica do período.

Há, a título de exemplificação, uma cuidadosa descrição do papel dos ex-votos, que contribuem para melhor compreender a relação entre a mística popular concretizada nos artefatos religiosos e a necessidade social e pessoal prática, no caso ligada à saúde, num país historicamente marcado pela falta de assistência médica, desassistência evidenciada novamente a partir da pandemia do Covid-19 (cf. PASSOS, 2020).

Apoiada em Francisco der Poel, o Frei Chico, a passagem se enriqueceria ampliando a discussão, por exemplo, ao seu final, quando menciona o devocionário de Canindé, Ceará, onde poderia dialogar com o breve artigo de Marcelo J. S. de Oliveira, “O símbolo e o ex-voto em Canindé” (OLIVEIRA, 2003, p. 99-107; cf. OLIVEIRA,

2015); poderia também ter acolhido e explicitado uma visão mais dinâmica e menos contratualista sobre o fiel e o santo, a de que as relações entre o pagador de promessas e o santo não se reduzem ao pagamento de uma obrigação jurídica, mas extrapola o *do ut des*,(cf. BRITO, 2021) em uma relação afetiva de acolhimento entre o fiel e o santo, assumido pelo fiel como “padrinho” – ou como Mãe se a promessa é dirigida a Nossa Senhora; constituindo assim uma relação familiar, o que dialogaria perfeitamente com a citação de Poel que encerra a passagem: “Finalizando, ele ressalta que ‘Os ex-votos correspondem à necessidade humana do gesto de reconhecimento diante das graças recebidas’” (POEL,2013,p. 391; SÁ, 2020, p. 46).

Coroa o capítulo uma significativa reflexão sobre a criação do santo, como santificação do cotidiano e sobre a criação da imagem do santo, que se completa com uma discussão sobre a iconografia mariana (SÁ, 2020, p. 49-54; 54-56).

Leituras muito bem fundamentadas, valorizando os aspectos materiais e históricos que contribuíram para formar essas iconografias, mas nas quais senti falta de uma aproximação maior aos aspectos afetivos que medeiam a relação devoto/santo e/ou santeiro/santo. Ausência que seria compensada nos capítulos seguintes.

Embora breve, o Capítulo II “Barro e madeira transformados em devoção”, apresenta uma densa consideração sobre os dois principais materiais empregados na arte santeira: o barro (argila) e a madeira. Discute as características próprias e aspectos técnicos envolvidos na utilização de um ou de outro, sempre em linguagem simples, acessível mesmo àqueles sem nenhum conhecimento prévio sobre o tema.

Nele o autor apresenta as primeiras transcrições parciais das entrevistas realizadas, passagens em que os artesãos comentam sua relação com os materiais utilizados e seu modo particular de trabalhá-los. Reflete sobre as dificuldades impostas ao acesso do material pelos artesãos, principalmente a madeira, mediante razões de proteção ambiental.

O segundo tópico, “Uma escolha difícil” mereceria um título mais adequado, que evidenciasse os critérios de escolha dos materiais pelos artesãos, por um lado, motivada pelo interesse do artista, por outro, limitada pelas condições de acesso aos mesmos.

Trata-se de certo modo de um capítulo preparatório, que nos introduz no cotidiano dos artesãos, oferecendo subsídios para a leitura do capítulo seguinte,

constituído a partir das entrevistas com os santeiros.

O terceiro capítulo, “Histórias de quem fala com as mãos, mesmo podendo ouvir”, oferece, nas palavras do autor, “o coração da pesquisa” (SÁ, 2020, p. 78).

Ele apresenta ao leitor as entrevistas realizadas com mestres e mestras artesãos do Nordeste (Piauí, Pernambuco, Bahia e Ceará), de São Paulo e do Sul (Santa Catarina e Paraná) assim como um tópico dedicado ao Salão do Artesanato.

Não sendo entrevistas estruturadas a partir de um questionário prévio e de maneira fechada, mas entrevistas abertas, seguem o fluxo da oralidade dos/das entrevistados/as, sendo caracterizadas pela dialogicidade, embora o autor, acertadamente, sempre privilegie a escuta.

Ainda assim, é possível destacar alguns elementos comuns às entrevistas: como o artesanato se iniciou no ofício, se esta é uma tradição familiar, quais as suas preferências, quais os critérios de escolha dos materiais e quais as técnicas e ferramentas empregadas, como a religiosidade pessoal e familiar influencia o ofício do santeiro, a arte santeira como meio de subsistência, as dificuldades da profissão.

Cada item é complementado por uma breve análise e comentário da entrevista.

Capítulo sensível, revelador de relações afetivas e pessoais que permitem contextualizar não somente a produção, mas as condições sociais e o ambiente familiar em que vivem essas pessoas.

A informação sobre a data em que as entrevistas foram realizadas enriqueceria ainda mais o texto, algo que permitiria visualizar melhor o processo de elaboração da pesquisa.

O Capítulo IV, “Barro e madeira no imaginário, na devoção e no trabalho do povo”, reúne diversos exemplos de imagens e cenários religiosos produzidos pelos artesãos entrevistados no capítulo anterior.

Elaborado, como fez questão de mencionar o autor durante sua sustentação oral, a partir de sugestão de José Amálio Pinheiro quando do Exame de Qualificação², trata-se de um significativo catálogo que percorre e dá concretude a alguns temas já

²Exigência prévia para o depósito da Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado e sua posterior defesa pública, o Exame de Qualificação constitui uma “orientação ampliada”, onde o pesquisador apresenta seu Projeto de Pesquisa e tem a oportunidade de discutir seu estágio de desenvolvimento.

apresentados no decorrer da tese: a relação com os materiais (barro e madeira); a concepção de santo; a predileção pessoal do artesão pelos santos, em especial por São Francisco; as representações marianas e de cenas bíblicas; a interpretação local, e muitas vezes pessoal de uma religião sempre apresentada como universal.

O autor poderia ter aprofundado as análises de muitas dessas imagens, aventurando-se no diálogo com a rica bibliografia apresentada, a qual muitas vezes permaneceu restrita a citações em nota de rodapé sem maior explicitação.

Considerações e desafios

Ao nos aproximarmos do texto de Sá, impressiona o volume e amplitude da pesquisa, realizada a partir do encontro e do diálogo com artesãos e artesãs, termos que talvez melhor descrevam o método de trabalho do autor do que “entrevista”. José Amálio Pinheiro em sua arguição chamava a atenção para o risco que a entrevista oferece, visto que “o artista entrevistado não é o artista em seu fazer”; Sá procurou trazer a voz desses artistas em meio à realização de seu ofício.

Embora não explore este aspecto, a tese oferece as bases, ou ao menos os indícios, de uma teologia popular; uma teologia “feita com as mãos”: os santos esculpidos, os cenários religiosos elaborados por esses artistas, são reveladores da maneira como, social e pessoalmente, os brasileiros, sobretudo os mais simples, se relacionam com os santos, numa dinâmica pessoal e familiar; o santo acolhe e protege os fiéis e da mesma maneira é acolhido por eles; a ampliação da dimensão afetiva e familiar convida a esperar num mundo em que, frequentemente, as pessoas sentem-se abandonadas e deixadas à desesperança.

Uma teologia dos simples, popular, elaborada por gerações de artesãos, conforme a feliz expressão de Fernando Altemeyer Júnior em sua arguição, estes são “sacerdotes da arte”, que dão vida ao “fenômeno religioso trabalhado no material”, visto que “é no material que a graça se manifesta”. Afirmações que dialogam com a arguição de Amálio Pinheiro, por exemplo, quando este diz que “a arte santeira é sempre sacro-profana”.

Sob outro aspecto, não se pode esquecer que essa teologia feita com as mãos, modelando o barro, esculpindo madeira, se realiza dialogando e ressignificando elementos da religião institucional. Aspecto bem percebido e destacado por Carlos

Alberto Tolovi, ao chamar a atenção para a “necessidade de compreender a reprodução de narrativas colonialistas” e de imagens que retratam “narrativas dos vencedores”. Creio que a categoria glissantiana de “rastros-resíduos” (cf. GLISSANT, 2001) ajudaria a compreender a apropriação de temas bíblicos, de fragmentos de homilias e liturgias ressignificadas desde as “bordas” da cultura (cf. FERREIRA, 2010).

A comparação feita por Sá entre a leitura das imagens, somente possível porque artesãos-escritores e o público-leitor compartilham uma mesma linguagem, a linguagem do imaginário cristão, e a leitura digital do braile, dois modos de ler a partir das mãos, mostra-se interessante, uma vez que ambas se constituem de maneira independente da leitura convencional (e hegemônica) fundada na escrita alfabética.

Uma indagação fundamental permanece em aberto. Diante dos processos de reprodução industrial das imagens de santo, e frente às dificuldades cada vez maiores impostas aos artistas populares para poderem continuar a dedicar-se ao seu ofício, devido à ausência de políticas públicas³ que os contemplem, qual será o futuro da arte santeira? Haverá futuro para a arte santeira?

Para não encerrar de maneira tão melancólica este texto, destaco as diferentes linguagens pelas quais a pesquisa de Marco Antonio Sá transita, propiciando questionar a rigidez da escrita enquanto linguagem padrão dos textos acadêmicos.

A linguagem fotográfica, em primeiro plano em sua dissertação de mestrado (SÁ, 2017; PIMENTEL, 2017, p. 93-100), embora também presente, aqui é secundada em favor do audiovisual, a partir do qual se constituiu o material que serviu de base para a elaboração do texto da tese.

As entrevistas completas estão disponíveis no canal do YouTube do autor⁴.

Pesquisa inovadora, que traz para primeiro plano as vivências e as demandas, sociais, pessoais e religiosas de artesãos e artesãs de diversas regiões do país. Discute a inspiração, pessoal e religiosa, que motiva esses artistas populares a perpetuar, ainda que diante de dificuldades, um ofício tradicional, e oferece importantes subsídios para a reflexão sobre as relações entre arte e religião no campo de estudos de religião, em especial para a Ciência da Religião e a Teologia.

³Aspecto destacado na arguição de Carlos Alberto Tolovi.

⁴[Marco Antonio Sá - YouTube](#)

Referências bibliográficas:

BRITO, Ê. J. da C. *O fazer da pesquisa em veredas de religião e história: carpintaria de teses sobre religiosidade popular e afrodiáspórica*. São Paulo: Recriar, 2021 (no prelo).

FERREIRA, J. P. *Cultura das bordas: edição, comunicação, leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

GLISSANT, É. *Introdução à poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2001.

OLIVEIRA, M. J. S. de. O símbolo e o ex-voto em Canindé. *REVER – Revista de Estudos de Religião*, 2003, n. 3, pp. 99-107.

OLIVEIRA, M. J. S. de. *São Francisco vive no Canindé: a peregrinação e seus enigmas*. Vila Velha: Opção Editora, 2015.

PASSOS, J. D. *O vírus vira mundo: em pequenas janelas da quarentena*. São Paulo: Paulinas, 2020.

PIMENTEL, C. S. Imagem e religião: uma contribuição ao diálogo com o catolicismo popular. *Espaços*, v. 25, n. 1 e 2, p. 93-100, 2017.

POEL, F. V. D. *Dicionário de religiosidade popular*. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

SÁ, M. A. F. de. *Arte santeira: barro e madeira no imaginário, na devoção e no trabalho do povo*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2020.

SÁ, M. A. F. de. *Negra devoção: leitura da cosmologia bantu “escrita com a luz” nas festas de N. Sra. do Rosário e São Benedito*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2017.